

Gloria Groove e a representatividade drag no hip-hop¹

Jéssica de Souza SOARES²

Isis Oliveira de MENEZES³

Margarete Almeida NEPOMUCENO⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Produto da disciplina Estudos Culturais em Comunicação, este artigo aborda as diferentes faces da identidade da cantora Gloria Groove e a forma como estas são representadas no videoclipe de Império do diretor João Monteiro e produção de Kika Simões. Sendo uma das poucas representantes da cultura Drag Queen no hip-hop, torna-se importante discutir o roteiro onde uma Drag Queen com personalidades e comportamentos pós-modernos age como uma forma de contracultura subversiva de uma sociedade machista e misógina, sendo entendida como uma figura empoderada. Este artigo abordará também a cultura Drag como meio de subversão e o movimento de contracultura popular, Hip-Hop.

PALAVRAS-CHAVE: gloria groove; drag queen; hip-hop; contracultura; subversiva.

A CULTURA DRAG COMO MEIO DE SUBVERSÃO

O termo Drag Queen surgiu nos Estados Unidos, em meados de 1800, como uma forma depreciativa de designar os homossexuais da época. Posteriormente, ainda no século 19, o termo Drag Queen adquiriu um significado mais específico e passou a ser utilizado para designar qualquer homem que se vestisse de mulher com propósitos teatrais. Hoje chamamos de Drag Queen o homem que se veste com roupas femininas exageradamente estilizadas, podendo este ter qualquer tipo de orientação sexual, homossexual, bissexual ou heterossexual.

Existem quatro explicações para o termo Drag Queen: a primeira é que seria, em tradução livre, a “rainha dos dragões”, onde homens vestidos de mulher de forma exagerada se assemelhariam com a expressão, numa abreviatura de *dragons* e teria uma relação com a feiura do animal. A segunda hipótese seria de que a expressão “Drag”, teria um sentido mais amplo e significaria dizer: vestir qualquer roupa que tenha um significado simbólico, como roupas apropriadas ao gênero, masculino e feminino. A terceira hipótese é que a palavra “Drag” seria uma sigla para “dressed as girl”, ou em tradução livre, vestido como menina. Por fim temos a hipótese de que "Drag" significa "arrastar" e se relacionaria com os pesados e

¹ Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB. Email: jessicaifpb@gmail.com

³ Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Direito da UFPB. Email: isis250695@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB. Email: margaretea@gmail.com

imensos vestidos usados, no final do século XIX, que faziam com que o homem vestido de mulher literalmente se arrastasse nos palcos.

Ser Drag está associado ao trabalho artístico, onde se tem a elaboração de uma personagem performática com uma caracterização extravagante, caricata e luxuosa. Através da montagem, os intérpretes transformam seus corpos rotulados de masculinos em outros corpos não segmentarizados pelo gênero ou sexo.

A história da humanidade apresenta inúmeras passagens em que o ato de se vestir (montar) em Drag, além de um posicionamento artístico e político, foi uma necessidade cênica imposta pela sociedade e pela moral vigente. Desde a Grécia clássica até os dias atuais, homens personificam a imagem feminina em diferentes aspectos, da maneira mais realista ao total estilizamento da forma. A Drag Queen sofreu metamorfoses reais tanto em sua estética como em sua função, mas nunca perdeu seu principal objetivo – a grande arte do estranhamento (AMANAJÁS, Igor, 2008, p. 01).

Drag Queen é uma identidade de gênero, uma forma artística relacionada com a questão sexual do indivíduo e por mais que os Drags se apresentem em ambientes tidos como de cultura gay, a forma artística em si não se correlaciona diretamente com o conceito de identidade de gênero ou orientação sexual. Pode-se entender que o corpo da Drag Queen não é um modelo de corpo da representação da mulher nem tão pouco o modelo de corpo da representação do homem. Em outras palavras, as Drags não se enquadram nos segmentos duros de gênero, sexo e sexualidade.

O movimento Drag teve grande influência do movimento Hippie, como forma de contracultura social dos anos 60. Com o passar dos anos os hippies foram acabando, diferente do que ocorreu no movimento Drag Queen, que vem evoluindo e se expandindo de várias formas com o passar dos anos. O mundo das Drags vem crescendo cada vez mais, revelando muita gente talentosa e com grande potencial artístico.

HIP-HOP: MOVIMENTO DE CONTRACULTURA POPULAR

Iniciado no sul do Bronx, condado do estado americano de Nova York, o hip-hop nasceu na década de 70 como resultado de um movimento cultural entre latino-americanos, jamaicanos e afro-americanos. O criador deste movimento social foi o DJ disc-jockey Afrika Bambaataa, quando em 12 de novembro do ano de 1973, fundou a organização Zulu Nation. Organização esta que tinha como objetivo basilar a autoafirmação através das vertentes do

hip-hop. Posteriormente Bambaataa veio a definir os pilares da cultura hip-hop como sendo quatro: o MCing, o DJing, o B-boying e o Graffiti Writing.

O hip-hop é, portanto, uma cultura criada a partir da junção de 4 subgrupos, baseados na criatividade e denominados no parágrafo anterior como pilares da cultura hip-hop. Um dos primeiros grupos, o MCing, com ou sem a utilização das técnicas de improviso, representa o canto. Temos também o DJing, que consiste no músico sem “instrumentos” ou o criador de sons para o RAP. O terceiro grupo representa a dança, é o B.Boying, a dança B.Boy, Poppin, Lockin e Up-rockin. Por fim temos o Graffiti Writing, escritores e/ou grafiteiros, representando as artes plásticas, são as expressões gráficas nas paredes utilizando a tinta spray.

Foi neste contexto social que sugeriram as várias formas de expressar a arte do hip-hop na rua. Com o objetivo de criação de disputas baseada na criatividade dos competidores, este movimento social foi uma forma de negação à violência e às armas. Nascido em uma zona carente, o Bronx, o hip-hop buscava subtrair o tempo ocioso de jovens que passavam grande parte dos seus dias nas ruas.

O hip-hop, "ao constituir um grupo identitário com base em localidade (periferias), classe (pobres) e etnia (majoritariamente negros) usa essa diferenciação como sua maior potência de ação". Não há intenção de parecer ou imitar o outro (do centro, ricos e brancos), mas de criar seus próprios valores e legitimação a partir de dentro. É nessa diferenciação intencional que está sua arma de guerra, é a partir dela que será feita a luta contra os valores impostos pelas relações de poder dominantes. Há, portanto, dois sentidos para a potência de resistência do hip-hop. A primeira é uma potência de contra operação da máquina de guerra cultural do hip-hop, em que a diferenciação opera de dentro para fora, criando mundos contra hegemônicos. A segunda é a potência do não, no dizer de Agamben, que não opera para contraditar, mas para inventar novas direções, novas linhas deleuzianas de fuga que configuram novas territorialidades, sempre lembrando, com Boaventura Santos, que é preciso sermos "iguais sempre que a diferença nos inferioriza" e sermos "diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza" (MOASSAB, Andréia, 2011, s/p.).

A cultura do hip-hop representa, a partir de sua estética, um tipo de arte social com apelos frente à exclusão social, marginalização nos espaços urbanos, segregação racial e à questão de gênero. Nesta cultura existe um discurso voltado para jovens marginalizados e, em especial, ao negro, configurando assim uma forma de expressão do tipo afirmativa.

O hip-hop, sob o aspecto da solidariedade, da união e da articulação entre diversas localidades, apresenta alta capacidade de resistência e inscrição como alternativa à sociedade global dominante. Composto por diversos elementos, o hip-hop é fortemente embasado por "conhecimento" e "atitude", isto é, o pensamento e a ação em acordo com as posições discursivas que circulam e

amadurecem por todos os eventos e meios de divulgação do movimento. Essa base constitui a sobrevivência do movimento enquanto resistência e autonomia, sem que seja capturado pelo sistema produtivo hegemônico da sociedade de consumo (MOASSAB, Andréia, 2011, s/p.).

O hip-hop, permite então a circulação do discurso de identidade racial, de classe e de gênero e sexualidade. Ele é um bem simbólico que não pode ser consumido, mas sim, vivido. É um estilo de vida, uma ideologia e uma cultura a ser seguida. E enquanto bem simbólico, produzido no contexto da juventude negra, trouxe aspectos de reconstrução e afirmação dos negros e dos demais grupos excluídos pela sociedade. Ele estabelece, portanto, uma frente mobilizadora de contempla demandas de tores sociais contrários ao racismo, ao sexismo e a tantas outras formas de exclusão.

Um dos frutos da cultura hip-hop é o rap, o qual será dado ênfase no presente trabalho. O rap é um dos pilares da cultura hip-hop e deriva da palavra “Rythm And Poetry” que em tradução livre significa ritmo e poesia. Nascido entre negros, o rap é uma forma de poesia cantada a partir de um determinado ritmo bastante acelerado e com uma melodia bastante singular. As longas letras são quase recitadas e retratam, no geral, questões do cotidiano das comunidades negras das grandes cidades. O ritmo chegou no Brasil na década de 80, mas somente na década seguinte ganhou notoriedade na indústria fonográfica.

O rap surgiu na Jamaica, quando os “Sound Systems”, que eram colocados nas ruas dos guetos jamaicanos, para animar bailes, serviam de fundo para o discurso dos “toasters”, autênticos mestres de cerimônia que comentavam, nas suas intervenções, assuntos como a violência nas favelas de Kingston e a situação política da Ilha, sem deixar de falar, é claro, de temas mais prosaicos, como sexo e drogas.

Foi na década de 70, quando muitos jovens jamaicanos foram obrigados a emigrar para os Estados Unidos, devido a uma crise econômica e social que se abateu sobre a Jamaica, que se criou uma nova tradição dos “Sound Systems” e do canto falado, que foi evoluindo com o passar dos anos até chegar ao rap da atualidade.

A MULTIFACETADA GLORIA GROOVE

Daniel Garcia, artisticamente conhecido como Gloria Groove, nasceu na cidade de Vila Formosa, zona leste de São Paulo, no dia 18 de janeiro de 1995. Oriundo de uma família de artistas – a mãe, Gina Garcia, é backing vocal do grupo de pagode Raça Negra, os avós maternos eram artistas de circo e alguns familiares instrumentistas –, Gloria desde os quatro

anos de idade já interpretava canções da artista estadunidense Mariah Carrey, dando indícios de seu talento para o mundo artístico. Passou parte de sua infância frequentando a igreja, sendo esta sua fonte de referência e influenciadora de seu estilo musical.

Daniel começou a trabalhar com arte aos sete anos de idade, onde ainda como Daniel fazia comerciais do salgadinho Elma Chips. Entre os 7 e os 9 anos, participou de uma das formações do grupo musical infantil Balão Mágico. Aos 10 fez parte dos jovens talentos do Programa do Raul Gil, na Rede de Televisão Bandeirantes. Aos 11 anos, foi ator mirim da novela Bicho do mato, na Rede Record. Posteriormente ele iniciou alguns trabalhos como dublador, onde no ano de 2011 dublou o cantor Justin Bieber no documentário *Never say never*. Mas foi aos 18 anos, quando participou de uma montagem independente do espetáculo musical Hair (produto da contracultura hippie dos anos 60 que fala sobre liberdade, sexualidade e faz uma crítica aos valores da sociedade conservadora da época.), que Daniel descobriu o que chama de seu “melhor eu”.

Aos 14 anos já havia se assumido gay para sua família, mas continuou se vestindo como homem, mesmo sem nunca ter se identificado com a estética masculina. Foi com o espetáculo Hair que então “percebeu” que poderia se vestir como bem entendesse. Daí então nasceu a Gloria Groove, uma das várias identidades assumidas por Daniel. O nome é fruto da junção entre a louvação da igreja evangélica frequentada até sua adolescência, Gloria, com o ritmo musical negro americano dos anos 70, Groove.

No entanto assumir sua personalidade Drag foi um processo lento e árduo. O que inicialmente começou com a uma transformação feita exclusivamente para peças de teatro e festas entre amigos, foi posteriormente amadurecido após a descoberta do *reality show* RuPauls Drag Race. Após a descoberta deste *reality*, Gloria então percebeu que a arte Drag fazia parte, também, de quem ela realmente era.

Gloria sempre se sentiu diferente de seus primos e demais colegas de escola, sendo constantemente vítima de bullying. Da zona leste mudou-se para um apartamento no centro da cidade. Fugindo de todo e qualquer rótulo. Hoje com 22 anos, Gloria Groove é uma cantora de rap, um universo predominantemente machista e masculino. Com o imaginário colorido e cintilante das Drag Queens, ela canta “de verdade” e não segue a linha de dublagem que outras várias Drags seguem. Suas letras possuem tom autobiográfico, falando de militância LGBT, cultura Drag e autoestima.

No ano de 2016 Gloria chamou atenção ao participar do programa Amor & sexo, da Rede Globo, em um quadro que discutia homofobia e transfobia. Participando deste quadro chamado 'Bishow', onde três homens são desafiados a se transformarem em Drag Queens, com a ajuda de madrinhas Drags, Gloria foi uma das madrinhas e teve seu afilhado vencedor da competição.

A cantora posteriormente ganhou notoriedade, na mídia, com o lançamento do videoclipe de sua música intitulada "Dona", no início de 2016. Em menos de três meses, após o lançamento, o videoclipe havia alcançado a marca de um milhão de visualizações na plataforma midiática Youtube. Após a repercussão, Gloria deu início a sua turnê, também intitulada "Dona", percorrendo vários estados brasileiros. Fez algumas aberturas de shows de algumas Drag Queens de renome internacional, como Sharon Needles e Adore Delano.

Mas foi no dia 3 (três) de fevereiro de 2017 que Gloria Groove lançou seu álbum de estreia. Intitulado "O Proceder", as letras trazem em sua maioria a sua real essência como gay e Drag Queen, periférico, negro e rapper. Com uma pegada singular e própria, suas músicas trazem rimas rápidas e inteligentes, que abordam seu cotidiano e o preconceito social enfrentado diariamente pela comunidade LGBT.

Hoje assume suas várias identidades culturais, em um jogo de identidades pós-moderno, dentre elas: Cantor, Compositor, Rapper, Dançarino, Coreógrafo e Drag Queen. Gloria não descarta a possibilidade de, no futuro, voltar a se vestir apenas como homem ou até mesmo de se apaixonar por uma mulher. A cada momento se redescobre e se reinventa dentro de si mesma, seguindo de forma autêntica, sendo ele ou sendo ela.

Aquele sujeito unificado, o indivíduo da era moderna, está fragmentado. O mundo social estabilizado pelas velhas identidades já não existe mais. Os quadros de referência de estabilidade para as sociedades estão se deslocando sob efeito da chamada crise de identidade. O cenário visualizado por Hall é este em que as identidades modernas estão deslocadas, fragmentadas, ou melhor, "descentradas". Mudanças estruturais são sentidas nas classificações sociais, étnicas, sexuais, raciais e de nacionalidade e se refletem nas identidades pessoais. A crise de identidade decorre da descentração do indivíduo de seu mundo social e cultural, mas também de si mesmo. A citação de Mercer esclarece esse ponto: "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (PUC-RIO - Certificação Digital N° 1011761/CA apud Hall, p. 9).

O JOGO DAS IDENTIDADES PRESENTE NO VIDEOCLÍPE IMPÉRIO DE GLORIA GROOVE

O videoclipe Império, da cantora Gloria Groove, traz direção de João Monteiro; Roteiro de Daniel Garcia, João Monteiro e Pedro Lopes; Produção de Kika Simões; Direção de Fotografia de Fernando Moraes; Direção de Arte de Pedro Lopes; um Elenco composto por 7 Drag Queens: Kira, Ikaro Kadoshi, Sasha Zimmer, Aretuza Lovi, Alexia Twister, Sasha Housbrak e Shady Jordan; além dos Dançarinos: Pablo Sena, Camilla Muniz, Karen Assami, Thiaguinho Miyamura, Kauê Oliveira, Heine Michellão, Lulu Malamela e Lucci LC.

O produto midiático da cantora, traz à tona a revolução Drag, com dançarinos que fogem do padrão de beleza cis. No geral, o vídeo é construído em torno da cantora em diversos looks deslumbrantes. Com uma mensagem para a comunidade LGBT, a letra da música fala das dificuldades enfrentadas pelo mundo LGBT e da luta por conquistas de espaço na sociedade, na mídia e nos espaços culturais. Espaços estes que deveriam ser democráticos, mas são tomados por formadores de representações com bases normativas e preconceituosas.

Com um rap cantado que critica o mercado, a sociedade e até algumas Drags que colaboram com os preconceitos dentro e fora da comunidade LGBT, Gloria Groove veio propor no videoclipe Império a exposição das várias identidades que assume no dia-a-dia em sua vida pessoal e um jogo com estas.

O videoclipe se inicia com a primeira identidade de Gloria Groove, ela Drag montada. O telespectador é induzido a esquecer que ali tem uma pessoa por baixo, uma pessoa com pai, mãe, família e história. O que ressalta neste momento é a feminilidade da cantora com vestimentas brancas, unhas grandes e feitas, maquiagem impecável e salto alto. Notamos aqui uma identidade de mulher, classe média alta. Este primeiro momento pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 1 – Frame retirado do clipe Império da cantora Gloria Groove



Fonte: Youtube⁵

No segundo momento (figura 2), ainda montada, Gloria Groove assume sua segunda identidade, a de mulher negra empoderada, feminina, maquiada e poderosa. Os cachos dão um ar de poder e feminilidade para a cantora. Neste momento os símbolos do universo feminino se mantêm preservados.

Figura 2 – Frame retirado do clipe Império da cantora Gloria Groove



Fonte: Youtube⁵

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYU-oXjllus> Acesso em: 01 jun. 2017.

Posteriormente temos a desconstrução da identidade feminina. Vamos ter agora uma espécie de limbo entre as identidades femininas e masculinas da cantora. Aqui temos o surgimento de uma nova identidade, a de criatura, que marca a transição entre o gênero masculino e feminino assumidos por Gloria Groove. Podemos observar este momento na imagem abaixo:

Figura 3 – Frame retirado do clipe Império da cantora Gloria Groove



Fonte: Youtube⁵

Diferente do que, em outra época, ocorria com o sujeito do iluminismo, que era aquele que nascia com uma essência, nesse caso, a de ser mulher, e permanecia com ela até sua morte, inalterável, de forma que as pessoas não poderiam fugir dessas características fundamentais. Aqui vamos notar um sujeito que foge dessa concepção puramente biológica e a trata, também, como uma questão social, ao levar em consideração o contexto socio-cultural ao qual a cantora está inserida. Dessa forma, “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura"), o sujeito à estrutura” (HALL, 2014, p.12).

A quarta identidade abordada no videoclipe é a de um homem, negro, periférico e do mundo do hip-hop. Aqui temos uma desconstrução total e observamos o surgimento de um

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYU-oXjllus> Acesso em: 01 jun. 2017.

menino com calças largas, correntes de ouro e prata, cabelo estilo afro e com movimentos que remetem ao movimento hip-hop. De encontro com o habitual de uma Drag, vamos ter neste momento a representação de um meio, extremamente machista e misógino, dominado por homens.

Figura 4 – Frame retirado do clipe Império da cantora Gloria Groove



Fonte: Youtube⁵

Temos então a chegada em nossa realidade daquilo que seria o sujeito na pós-modernidade. Todo o ideal essencializado é desconstruído e da margem para o surgimento de indivíduos sem identidade fixa ou permanente. Assim, com a aparição dos sujeitos plurais “a identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2014). Logo, temos pessoas que podem ser quem elas querem e quando querem, uma vez que, aquilo que as define como indivíduos não é um conceito único e está em constante transformação.

Vamos ter ao fim do clipe a representação de um mundo em harmonia com as várias formas individuais de existência do ser. Com homens e mulheres vestidos de branco, em total harmonia, representando a pluralidade do ser sem preconceitos de gênero ou sexo.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYU-oXjllus> Acesso em: 01 jun. 2017.

Figura 5 – Frame retirado do clipe Império da cantora Gloria Groove

Fonte: Youtube⁵

CONCLUSÃO

Ao término deste artigo, podemos obter conclusões sobre a importância dos movimentos de contracultura nos contextos sociais, principalmente como forma de dar voz às minorias marginalizadas e carentes de atenção.

Ao longo dos anos vários movimentos surgiram como subversão as várias formas de imposição de sistemas. Podemos concluir também que o movimento Drag e o movimento hip-hop, continuam crescentes e empoderados, dando cada vez mais força e notoriedade a parcelas da população tão marginalizadas e esquecidas.

Conclui-se também sobre a importância que a junção de movimentos de contracultura teve na história da cantora Gloria Groove. Tanto para ajudá-la em suas superações diárias, como em sua forma de lidar com suas várias identidades pós-modernas, sem deixar de lado nenhuma e sem baixar a cabeça para o preconceito, este que a cantora enfrenta árdua e diariamente.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYU-oXjllus> Acesso em: 01 jun. 2017.

REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, Igor. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. 2008. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>>. Acesso em: 03 de jun. 2017

A ORIGEM do Hip Hop. Disponível em: <<http://origemdascosas.com/a-origem-do-hip-hop/>>. Acesso em: 06 de jun. de 2017.

GROOVE, Gloria. **Império (Clipe Oficial)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eYU-oXjllus>>. Acesso em jun. 2017.

HALL, S. **A identidade cultural da pós modernidade**. Brasil: 10ª edição. DP&A editora, 2014.
HAMA, Lia. **Gloria Groove: A Dona da Porra Toda**. 2017. Disponível em: <[Lhttp://revistatrip.uol.com.br/trip/gloria-groove-drag-queen-orgulho-gay-lgbt-rap-musica](http://revistatrip.uol.com.br/trip/gloria-groove-drag-queen-orgulho-gay-lgbt-rap-musica)>. Acesso em: 01 de jun. de 2017.

HISTÓRIA do Rap e Hip hop. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/rap-e-hip-hop/>>. Acesso em: 05 de jun. de 2017.

MAHAWASALA, Samantha. **A História das Drag Queens – Parte 1**. Disponível em: <www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-das-drag-queens-parte-1/>. Acesso em: 01 de jun. de 2017.

MOASSAB, Andréia. **Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip hop**. Virtual Books. 2011. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Dj6DAwAAQBAJ&pg=PT16&dq=travestis+no+hip+hop&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiL3Yax4Y7TAhXBdSYKHxNID-IQ6AEIGjAA#v=onepage&q=travestis%20no%20hip%20hop&f=false>>. Acesso em: 02 de jun. de 2017.

PINHEIRO, Claudia; PEREIRA, Marcelo; REZNEDE, Rafael e MACEDO Valneide. **Início do Movimento Drag Queen**. 2010. Disponível em: <<http://fotodrag.blogspot.com.br/2010/04/as-tendencias-e-o-modismo-sempre-fez.html>>. Acesso em: 06 de jun. 2017.

PUC-RIO - Certificação Digital N° 1011761/CA. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21902/21902_4.PDF>. Acesso em: 06 de jun. de 2017.

SANTOS, Cristiane Caetano dos. **O ser drag e o viver queen: estereótipos e configuração do artista performático em Maceió**. 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/iti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2262/717>>. Acesso em 02 de jun. de 2017.

TAVARES, Breitner. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal**. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200008#back4>. Acesso em: 02 de jun. de 2017.

TOCHA, Daniel. **História da Cultura Hip Hop**. 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>>. Acesso em: 06 de jun. de 2017.